

Criações curriculares com narrativas em *podcast* nas pesquisas com os cotidianos

Maristela Petry Cerdeiraⁱ

Roberta Guimarães Teixeiraⁱⁱ

Maria do Carmo de Moraes Mata Rodriguesⁱⁱⁱ

Rebeca Brandão^{iv}

Resumo

A produção de narrativas trazidas em conversas durante encontros virtuais com 'docentes discentes' nos períodos da pandemia e pós-Covid-19 possibilitou criar currículos, a partir das redes educativas que formamos e pelas quais somos formados. Ao narrar a vida e literaturizar a ciência, em vivências de 'prácticasteorias' com podcasts, via ambientes virtuais, criou-se um acervo de áudios com produções sensíveis, em um período de extrema necessidade de escuta, acolhimento e afetividade. Defendemos em nossas pesquisas que, nas conversas, currículos são fabulados nos cotidianos da pesquisa, narrativas e escutas se entrelaçam para novas criações. Neste artigo, vamos narrar essa história com a intercessão de Alves, Cavarero, Certeau, Deleuze, Ferrazo e muitas outras vozes com as quais conversamos e que nos ajudam a fabular a criação de 'conhecimentos significações'.

Palavras-chave: narrativas; cotidianos; conversas; podcasts.

ⁱ Doutoranda em Educação pelo ProPed/UERJ sob a orientação da professora Nilda Alves. Mestre em Educação pelo programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de Geografia da Educação Básica. E-mail: maristelacerdeira@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1588-0149>.

ⁱⁱ Doutoranda em Educação - Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela Faculdade de Formação de Professores (FFP)/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pedagoga concursada da Secretaria Municipal de Educação de Nilópolis/RJ. Professora-tutora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO (LIPEAD/ UNIRIO). E-mail: robegui@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8836-1764>.

ⁱⁱⁱ Doutora e Mestre em Educação – ProPed UERJ. Filiada ao grupo de pesquisa Cotidianos, currículos, imagens e sons coordenado pela professora Nilda Alves – UERJ e professora dos anos iniciais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: mariamoraiss@yahoo.com.br - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3170-0953>.

^{iv} Doutora em Educação (ProPed, UERJ, 2018) e professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. E-mail: rebecasbr@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3739-8246>.

Curriculum creations with podcast narratives in research with everyday life

Abstract

The production of narratives brought in conversations during virtual meetings with 'student teachers' during the pandemic and post-Covid-19 periods, made it possible to create curricula, based on the educational networks that we form and by which we are formed. By narrating life and literaturizing science, in experiences of 'practices-theories' with podcasts, via virtual environments, a collection of audios with sensitive productions was created, in a period of extreme need for listening, reception and affection. We defend in our research that, in conversations, curricula are fabled in the daily life of research, narratives and listening intertwine for new creations. In this article, we are going to narrate this story with the intercession of Alves, Cavarero, Certeau, Deleuze, Ferrazo and many other voices with which we talk and that help us to fable the creation of 'knowledge-meanings'.

Keywords: *narratives; daily life; conversations; podcasts.*

Creaciones curriculares a través de narrativas en podcast en las investigaciones con los cotidianos

Resumen

La producción de narrativas que se construyen mientras ocurren los encuentros virtuales con 'docentesdiscentes' en los periodos de la pandemia y después del Covid-19 ha garantizado la creación de currículos a partir de las redes educativas de que formamos parte y a partir de las cuales somos formados. Al narrar la vida y al literaturizar la ciencia con la ayuda de vivencias de 'prácticasteorías' a través de podcasts, por medio de ambientes virtuales, fue creado un acervo de pistas con producciones sensibles, en un periodo de gran necesidad de escucha, acogida y afectividad. En nuestras investigaciones, postulamos que, a través de las charlas, los currículos pasan a ser fabulados en los cotidianos de la investigación y, a la vez, las escuchas se entretajan para nuevas creaciones. En este artículo, vamos a narrar esta historia de la mano del marco teórico de Alves, Cavarero, Certeau, Deleuze, Ferrazo y otras voces más con las cuales conversamos y que nos ayudan a fabular la creación de 'conocimientossignificaciones'.

Palabras clave: *narrativas; cotidiano; charlas; podcasts.*

1 INTRODUÇÃO

O que criou a humanidade foi a narração.

Janet

Estamos em tempos em que a narrativa se afirma, cada vez mais, no cenário da produção artística, midiática, técnica e dos comuns, expressas em mil 'artes de fazer', conforme destaca Certeau (2014), o pensador da invenção dos cotidianos 1 e 2 e da defesa das narrativas

ordinárias, dos autores nômades, oradores invisíveis dos gestos, das memórias ancestrais, das gramáticas discursivas empregadas nas artes de dizer, ‘no tempo das histórias’.

Esse tempo, como nos diz Certeau (2014, p. 140), “não é uma arte ensinada, mas praticada”. Por isso, continua ele, esse tempo será um relato. Nesses tempos da história, a memória, a descrição, o relato e o diálogo, na dança entre real, ficção e virtual compõem os discursos. Tempos mutantes que reivindicam também um espaço para acontecer, tal como postulado por Janet e que previamente foi sublinhado como epígrafe deste texto: “o que criou a humanidade foi a narração” (1928, p. 261). Ela abre o texto buscando os caminhos da arte de falar e das artes de fazer, pois, narrar é uma prática sobre outra prática. Para Certeau, os relatos são transportes, como metáforas, que nos levam de um lugar a outro, de um tempo a outro. Portanto, narrativas são percursos de lugar – ‘espaços praticados’. Esse pode ser um espaço público, como a cidade, uma escola, mas também um espaço mediado, uma via, ou melhor, uma infovia, como, por exemplo, os ‘*espaçotempos*’¹ dos *podcasts*.

Neste artigo, vamos viajar nas ondas sonoras de algumas narrativas, a partir de memórias afetivas de lugares, de sensações, de ancestralidades, de afetos entre muitas outras temáticas, trazidas em conversas durante encontros virtuais com docentes no período da pandemia. Período de transposição, de criar humanidades, forjar currículos outros, precipitar o conviver, soprar as chamas dos cotidianos, respirar (Cotidianos & Currículos, 2020). Narração, descrição, diálogos, silêncios mudos ou sonorizados, ruídos, gestos congelados, música, ‘respiro’, cada uma dessas instâncias formam um acervo de áudio e vídeo, um imenso *corpus* de produção sensível, em um período de extrema necessidade de escuta, acolhimento, delicadeza e afetividade. Tempos de narrativas...

Defendemos em nossas pesquisas que as narrativas e respectivas fabulações para suas criações possibilitam falar sobre si e dar-se a ver ao outro, ao passo que ouvir o outro também significa dar-se a ver e ouvir a si mesmo. Ao narrar a vida e literaturizar a ciência, movimentos necessários às pesquisas são acionados. Falamos e entramos em ação. Agimos e falamos sobre nossos atos de currículos. Fazemos e falamos com os cotidianos, criações de mais um dia, dia a dia. É assim que resistimos. Um dia a cada vez. Uma narrativa por vez, ou várias na união de vozes de cada qual quando entramos em ação a partir dos encontros.

As narrativas nascidas durante esses encontros são em si mesmas disparadoras 'teóricometodológicas' para a formação de redes educativas que fomentam criação de currículos, redes essas que nos formam, como nos ensina Alves (1998, p. 63-64):

[...] ao pensarmos, especificamente a formação no contexto das práticas da formação acadêmica, por exemplo, é preciso que saibamos que é nela que se dá a formalização de conhecimentos específicos, bem com a apropriação de práticas – todas as práticas que se dão em outros contextos – tanto como das teorias, criadas e acumuladas, especialmente, no contexto das práticas de pesquisas em educação. Assim sendo, ao discutirmos a formação no contexto das práticas da formação acadêmica, é preciso que pensemos os conhecimentos – teóricos e práticos –, bem como as significações capazes de nela articular tudo o que é criado e acumulado nos outros contextos.

Fazemos isso por diferentes meios e artefatos culturais. Nesses espaços, trazemos o *podcast* e respectivas oficinas desenvolvidas para '*docentesdiscentes*', pesquisadores/pesquisadoras, comunidade escolar, priorizando as pequenas narrativas, nascidas em conversas/narrativas de si na produção de artefatos curriculares '*praticadospensados*' nos cotidianos, '*dentrofora*' da escola, mesmo em tempos remotos, pela presença de vozes narradoras. E, desse modo, produzir cotidianamente a nossa própria história, "pois o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos [...] entre os cotidianos, seus praticantes [...]" (Alves; Ferrazzo, 2018, p. 51).

Nesses cotidianos imersos nas sensações de incertezas provocadas pela pandemia, sabíamos que precisávamos continuar a nos comunicar, com aqueles que nos relacionamos dia a dia na prática '*docentediscente*'. Comunicar, inclusive, as pesquisas, registrando esses sentires de todas as formas que tivéssemos possibilidades, em diferentes linguagens, por meio de diferentes artefatos, acessando as redes educativas para juntos, coletivamente, descrever, relatar e dialogar sobre esses momentos. Retirar lições, outras práticas, ampliar as discussões sobre os '*espaçostempos*' praticados nessas novas realidades, sobre ativar nossas potencialidades ao esperar, sobre continuar a vida, pois se o que criou a humanidade foi a narração, só ela seria capaz de manter a vida humana. Cada vez que criamos uma narrativa, comunicamos a nossa história e reafirmamos nossa existência. De acordo com Certeau (2017, p. 107), "se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar", pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria.

Nolasco (2019) nos diz que:

Apreendi com Oliveira (2014) a pensar os limites da Ciência Moderna. Ao criarem mecanismos de invisibilidade da produção subalterna, periférica e destoante, os guardiões da Ciência Normal (KUHN, 1978) deixam pouco espaço para os roteiros não conformados ao modelo padrão: objetivos, discussão, conclusão etc. Acusam os "indisciplinados" de não cumprirem o roteiro obrigatório, mas esquecem (ignoram) que o academicamente aceito não dá conta das variadas maneiras de se fazer pesquisa atualmente. A esses ditames, Oliveira (2014) desafia: se o problema é o roteiro, façamos outros! Produzir ciência com mais consciência (MORIN, 1996) implica, inclusive, problematizar os modos hegemônicos do fazer científico, identificando a produção ativa da não existência (SANTOS, 2004) daquilo que questiona tais modos de fazer (CERTEAU, 1994) (Nolasco, 2019, p. 57).

Dessa forma, compreendemos as narrativas, as conversas e as múltiplas grafias de vida como formas de se fazer ciência, de criações possíveis curriculares que se dão em contextos diversos, para além do que é socialmente construído pelas ciências hegemônicas, no sentido de fazer surgir novas ideias, novas possibilidades, novos sentidos do fazer científico.

2 NARRATIVAS, NARRADORES E O NARRADO: PARA QUE NARRAR?

*Encontrar um tempo, interior do tempo, com mais intensidade.
Um tempo que conversa. Um tempo narrativo.*

Carlos Skliar

Nas pesquisas com os cotidianos, Alves, Andrade e Caldas (2019) defendem seis movimentos da pesquisa para a produção de ‘*conhecimentossignificações*’ no campo dos cotidianos, em que outros dados possam aparecer ao se “narrar práticas comuns, introduzi-las com experiências particulares, a frequência, às solidariedades e as lutas que organizam os espaços onde essas narrações vão abrindo caminho nesse campo do "cotidiano" (Certeau, 2014), à nossa maneira de caminhar. Para as pesquisadoras, são considerados, sem hierarquização: "o sentimento do mundo"; "criar nossos personagens conceituais"; "ir além do já sabido"; "narrar a vida e literaturizar a ciência"; "Ecce Femina"; "a circulação dos ‘*conhecimentossignificações*’ como necessidade”.

No movimento denominado “o sentimento do mundo”, que foi inicialmente publicado em 2001 como “mergulhar com todos os sentidos”, Alves (2008) nos diz que: “só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande

mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro” (p. 20), o que para muitos é fundamental com a firme posição de manter o distanciamento em suas pesquisas. Porém, compreendemos que o distanciamento entre “pesquisador” e “pesquisado”, ou as dicotomias que marcaram os modos de se fazer Ciência na Modernidade são limites para as pesquisas dessa corrente, como dito anteriormente, a partir da reflexão de Nolasco (2019).

Alves (2012) nos indica como utiliza a ideia de “personagens conceituais” em nossas pesquisas e afirma que compreende as narrativas produzidas nas “conversas” como “personagens conceituais”, assim como as imagens e os sons:

[...] os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com que se ‘conversa’ e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam. É nessa mesma direção que afirmamos que para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, as narrativas (e sons de diversos tipos) e as imagens dos praticantes docentes e de outros praticantes dos ‘espaçotempos’ cotidianos não podem ser entendidas, exclusivamente, como ‘fontes’ ou como ‘recursos metodológicos’. Elas ganham o estatuto, e nisso está sua força, de personagens conceituais. Sem narrativas (sons de todo o tipo) e imagens não existe a possibilidade dessas pesquisas. Assim, ao contrário de vê-las como um resto rejeitável, dispensável do que buscamos, algo sempre igual e repetitivo, é preciso tê-las, respeitosamente, como necessárias aos processos que realizamos.

Nesta pesquisa, então, partimos de uma afirmativa: “conversa-se muito nas escolas e nos múltiplos contextos de formação dos docentes”. Para alguns (muitos?) isto é entendido como ‘perda de tempo’. Mas nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, entendemos que este é o verdadeiro ‘lócus’ de pesquisa, pois nelas surgem imagens e narrativas que vão se transformar em nossos personagens conceituais (Alves, 2012, p. 12-13).

Dessa forma, a partir de Deleuze e Guattari (1992), Alves nos explica que “personagens conceituais”, são elementos que nos possibilitam o processo de pesquisar, nos permitindo formar teorias, pois são eles que nos possibilitam pensar as muitas questões que nos colocamos para desenvolver as pesquisas nessa linha de pensamento.

O movimento "Ecce Femina" explicita que o que interessa nas pesquisas *com* os cotidianos são os '*praticantespensantes*'², que com os ‘outros’ (textos, colegas, estudante, filmes, músicas...), os quais chamamos de “intercessores” (Deleuze; Guattari, 1992),

ampliamos nosso conhecimento através das conversas com os interlocutores da pesquisa. Para Deleuze (1992, p. 156)

o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.

Nossas narrativas surgem dos diálogos, das conversas, dos relatos, “fat divers”, biografias, sejam em arranjos ficcionais ou reais, mas, inventados por nós, acessados pela memória e pelas vivências de *‘prácticasteorias’*. Entram nesse tacho os afetos, os diferentes enredos, linguagens e suportes, para diferentes ‘usos’ (Certeau, 2014). Inspirados pelas invenções e seus usos, nossas pesquisas são também movimento de criações de artefatos que possibilitam essa narratividade. Muitas vezes artisticamente, visto que a arte atravessa e impulsiona esses respectivos movimentos. “Narrar a vida e literaturizar a ciência” tem essa dimensão ética, estética, política e poética em nossas pesquisas, daí, a arte que nos afeta para sentir o mundo, para dialogar com nossos personagens conceituais, para criar *‘conhecimentosignificações’* para nos relacionar com o outro e conosco, visto que somos para o outro, outros também. Esses elementos destacados acima são produzidos nos *‘espaçostempos’* praticados da pesquisa, presentes nas enunciações, sejam elas gestos, escrituras, oralidades, vozes, imagens, sons.

Através dessa forma, mas não somente desta, desenvolveríamos nesse momento de pandemia, o movimento da pesquisa com os cotidianos, criado por Alves, Andrade e Caldas (2019), intitulado “A circulação dos *‘conhecimentosignificações’* como necessidade”, uma vez que muitas redes educativas haviam sido interrompidas em decorrência do isolamento social:

Compreendendo, em primeiro lugar, que nessa corrente de pensamento as relações que seus *‘praticantespensantes’* estabelecem entre si – nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam, em conversas, repetimos – indicam os núcleos principais de articulação dos processos de pesquisa. Entendendo, ainda, que para dar conta dessas múltiplas e complexas relações precisamos de formas diferentes de expressá-las, com as múltiplas narrativas, imagens e sons que nelas surgem, percebemos que se tornou necessário buscarmos as articulações realizadas entre o que se produzia nas pesquisas dentro desta corrente e como atingiam aqueles com os quais elas se preocupavam com os quais se realizavam, em primeiro lugar – os *‘praticantespensantes’* com quem conversamos e com os artefatos que usam –

e com todos os interessados em Educação, também (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 19-20).

A circulação dos '*conhecimentossignificações*' como necessidade encontra no *podcast* um caminho para '*ouvirsentirpensar*' narrativas pautadas em vivências nas/das/com as redes educativas. O *podcast*, arquivo de áudio que pode ser acessado por diversas plataformas na *web*, possibilita ao usuário assinar (até mesmo ouvir de forma gratuita), cadastrar-se e, assim, receber programas com os mais variados temas de interesse. O relevante é que essa ferramenta possibilita a interação com os produtores e participantes de cada edição a partir de comentários postados nas plataformas onde os programas são disponibilizados.

Para Lemos e Lévy (2010), o *podcast* “embora não seja como o rádio que conhecemos hoje, com emissão centralizada e difundindo massivamente programas em streaming, o podcasting usa o formato e a metáfora para fazer com que qualquer um seja produtor de emissões sonoras” (p. 55). O *podcast* é um relevante artefato cultural que teve seu uso expandido nos tempos pandêmicos e proporciona a circulação de '*conhecimentossignificações*' de forma assíncrona e democrática, tornando-se um importante artefato curricular. Ele pode facilmente ser acessado por meio de um celular com acesso à internet, a qualquer hora e em qualquer lugar.

Nossas narrativas, seja por meio de filmes, livros, *podcasts* e oficinas, não estão apartadas da metodologia de pesquisa com os cotidianos. Elas surgem no próprio '*espaçotempo*' da pesquisa, na própria '*prácticateoria*' do pesquisar. Partilhamos os sentimentos do mundo, nos colocamos disponíveis para a criação coletiva dos nossos intercessores e valorizando as '*experiências particulares*'. Essas '*prácticasteorias*' ensejam também seus exames e, assim, sucessivamente, as narrativas são produtoras de outros '*saberesfazeres*'.

Consonante com o que Alves e Ferrazo argumentam,

Para tentar criar diferentes alternativas de (com)posições e de produções de sentidos em meio aos cotidianos vividos, Certeau (1994;1966) usa expressões como redes de '*antidisciplinas*', tecnologias disseminadas, invenções, táticas e estratégias, usos, astúcias, multiplicidades, consumos, operações multiformes e fragmentárias, acasos, tecidos orais, redes de representações, deslocamentos, performances, mobilidade das multidões, redes inumeráveis de conflitos [...]. E, e ainda mil maneiras de jogar desfazer o jogo, fluxos, relações de forças, táticas desviacionistas, cultura no plural, estilos, experiências, práticas, gestos, operações quase invisíveis, inomináveis estéticas de lance, liberdade gazeteira de práticas e imemoriais inteligências,

procedimentos variados, microdiferenças, relações não igualitárias, encontros [...] (Ferraço; Alves, 2018, p. 56).

Skliar nos diz, “as conversas não buscam acordos ou desacordos, mas senão tensões entre duas biografias que se apresentam na hora do encontro (2018, p. 12)”. Muitas vezes, esses encontros são feitos nos acasos, improvisos, ou, mesmo, intencionalmente, quando se conversa buscando tecer currículos. Seja de uma maneira ou outra,

[...] Uma conversa é um gesto pedagógico, à medida que educar pode ser compreendido como um modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida [...]. Conversar se dirige não tanto àquilo que as coisas são, mas àquilo que há nas coisas. Conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém. Conversa-se não tanto sobre um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo (Skliar, 2019, p. 12).

Alves e Ferraço (2018) explicam que as conversas nas pesquisas com os cotidianos importam mais como intensidade, multiplicidade de acasos, experimentações que nos movimentam e nos arrancam supostas estabilidades, verdades, mais do que percebê-las como sistema de representação ou de interpretação dos fatos ocorridos, pois narramos a vida e literaturizamos a ciência.

Porém, não buscamos “a verdade”, mas verdades contidas nas histórias e nas nossas vozes 'contadoras de histórias'. Alves (2019) ressalta que o que narramos nas pesquisas com os cotidianos são “memórias cruzadas de muitos de nós que formam nossa história de vida e que em nossa vida formamos as histórias de muitas outras vidas, nas muitas redes que cada qual forma e pela qual é formado.” Daí sua potência na formação de redes educativas, na relação ‘*docentesdiscentes*’ e na “aparição” de diferentes “atos de pesquisa e atos de escritura diferenciados” (Alves, 2019, p. 135-137), como sugere a pesquisadora, sem medo de errar, e evoca Morin (1996, p. 148) para uma vez que estamos sempre de passagem, nossas itinerâncias estão em permanente errâncias.

Nós todos, ‘*docentesdiscentes*’ pesquisadores, o homem ordinário, estando na instituição acadêmica ou fora dela, cada qual circulando pelas cidades, vamos cartografando experiências e fazendo relatos desses experimentos, relatos tão plurais quanto multiformes são os cotidianos dos praticantes. Conforme Certeau e Giard (2017), “a oralidade está em toda parte,

porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa nos laboratórios” (p. 337).

Lembramos que, nos cotidianos, as artes de fazer são também, de falar, de escrever, de caminhar, de conversar... artes de fazer e de saber dizer: enunciações que compõem a “linguagem ordinária [...] ‘prosa do mundo’ ao englobar todo o discurso acerca das experiências humanas” (Certeau, 2014, p. 67). As narradas e as que nem se pode falar a seu respeito, ainda por traduzir ou enunciar.

Para Deleuze (1999, p.3-4) “não se trata de invocar uma história ou de recusá-la, tudo tem uma história” quando reflete a respeito de sua definição para a Filosofia. Assim também, percebemos a ciência e as artes com suas histórias. Histórias contadas de diferentes maneiras, ou por blocos de sensações, como nos ensina o filósofo.

Para esses pensadores, o cinema conta histórias com blocos de movimento/duração. Já a pintura inventa um tipo de linhas/cores. A música inventa outro tipo de bloco, também todo peculiar. Nós, os docentes, somos contadores de histórias. Nossas histórias são do tipo de blocos de sensação, pois são criadas no calor dos afetos, da relação ‘*docentediscente*’, nos ‘*espaçostempos*’ escolares, e, principalmente, no cotidiano de nossas ‘*prácticasteorias*’, na tessitura dos ‘*conhecimentosignificações*’, que não desprezam os saberes das redes que nos formaram, mesmo nessa “sociedade do controle e da disciplina” (Foucault), dos currículos homogeneizantes.

Cada ator é um devir currículo a se encher de histórias, em um baú inesgotável de memórias, de fabulações, de traduções, de vozes a criar narrativas sempre no coletivo, a partir de referências e de conversas com seus intercessores. O importante na criação de uma obra e, por conseguinte nas histórias, são os intercessores, destaca Deleuze (2010). A criação não acontece sem eles.

E é nesse sentido que a autoria é sempre coletiva, colaborativa, mesmo que sejamos nós mesmos que fabriquemos tais intercessores, sempre se trabalha ‘em vários’, principalmente numa perspectiva libertadora do colonizador. Deleuze alerta que

[...] se falar sozinho, mesmo inventando ficções, forçosamente terá um discurso intelectual, não poderá escapar ao discurso do senhor, do colonizador, um discurso preestabelecido. O que é preciso é pegar alguém que

esteja ‘fabulando’ em flagrante delito de fabular, então se forma a dois ou em vários um discurso de minoria (Deleuze, 2010, p. 161).

Esse flagrante de ‘pegar’ alguém que esteja fabulando em flagrante delito de fabular corresponde a ‘capturas do movimento de constituição de um povo’. E gostaríamos de propor neste texto uma analogia também com as redes que nos formam e das quais formamos. Pois o fato de fabricar nosso próprio intercessor também, muitas vezes, vem encarnado daquilo que nos afeta e que afetamos.

Segundo Serpa (2018, p. 93), vale lembrar ainda, que "ao compartilharmos nossas trajetórias, experiências e reflexões com os outros sujeitos com quem vamos produzindo a pesquisa, estes se tornam também narradores, parceiros na ‘pronúncia’ do mundo”, pois

Ao compartilharmos uma experiência, retirá-la desse lugar fixo para entregá-la ao mundo e, não sendo apenas mais nossa, ela ganha milhares de outras narrativas possíveis, milhares de tons [...]. Uma pesquisa será apenas uma ou algumas dessas possibilidades, mas sua leitura por outro sujeito será uma porta aberta para o infinito (Serpa, 2018, p. 106).

Para essa autora, nossas histórias vão acionando conexões com outras pessoas, com trajetórias, sejam parecidas ou diferentes de nós e aos poucos não mais nos pertencem e sim ao coletivo, vez que uma pesquisa sempre será apenas uma ou algumas dessas possibilidades. Com Certeau, aprendemos que a leitura produz uma ‘arte’ que não é passiva. O pensador traz a conversa para essa “arte de dizer”. Para ela, a conversa também produz uma ‘arte’ de fazer a conversa. No entanto, não privada e "há nessas retóricas da conversa ordinária práticas transformadoras de situações de palavra.” Essas produções verbais são intercambiadas entre os locutores, entrelaçadas pela interlocução tramando um “tecido oral”. Para Certeau, esse entrelaçamento das posições locutoras transforma esse tecido em uma produção coletiva, sem proprietário individual, a produção de uma comunicação que não pertence a ninguém (2014, p. 49).

A ciência não é menos criadora, como adverte Deleuze sobre o caráter fabulador da descoberta, a criação de conceitos e verdades, narrativas, histórias que nos são contadas. E, não mais solitária. Também se dá em uma narrativa de “muitas mãos”. Nessa perspectiva, nós pensamos nas escolas por meio de histórias acerca delas e com elas, com os *'praticantespensantes'* dos cotidianos das escolas ou fora delas. E por que não estão/estiveram lá? Alves (2019) desperta em nós a constatação de que se conversa muito nas escolas e no

caminho da escola. Aprendermos com as vivências das *'prácticasteorias'* dos campos, das cidades e da beira da estrada. Nesse caminhar, nos colocamos em relação às afetações por meio de todos os sentidos.

Se para Deleuze a ciência cria funções, a filosofia conceitos, às artes cabe-lhe criar agregados sensíveis. Os intercessores fazem isso, criam o verdadeiro, tendo a potência do falso como conteúdo de sua fabricação. Em nossa pesquisa, criamos narrativas por meio dos sentimentos do mundo, fabricamos nossos intercessores e lançamos mão de artefatos culturais e promovemos encontros para conversas, para produzir narrativas, fabricar novos intercessores que farão parte do acervo de novos narradores, pensando nas escolas, propondo currículos, a partir da criação dessas novas narrativas.

O coletivo é fundamental para a compreensão e sistematização de tudo o que envolve a abordagem cotidianista de pesquisa, diz-nos Gonçalves, Rodrigues e Garcia (2018) ao pensar a conversa como princípio metodológico, relacionando-a ao campo do currículo, formação docente e cotidiano. Esses autores apostam na interligação dos campos do currículo e dos cotidianos como forças mobilizadoras, onde a produção de práticas são coletivas e solidárias de conhecimentos, tanto para as pesquisas quanto para os processos formativos.

As pesquisas nos/dos/com os cotidianos são feitas de muitas materialidades para além de produção de dados. São artes de fazer e de dizer que indicam caminhos de *'escritafala'*, *'falaescrita'* ou uma *'falaescritafala'*, ou seja, caminhos de uma narrativa (Gonçalves; Rodrigues; Garcia, 2018, p.138) descobrindo que, nas conversas, podemos ir além do escrito e nos percebemos em autoprodução, autoformação, em invenção de nós e do mundo.

Esses caminhos que percorremos pela cultura letrada também incorporam aspectos de nossa vida cotidiana: cheiros, sons, toques, sensações, pois somos os narradores delas, das histórias que narramos, que se entrelaçam a outros fios e redes apresentadas nas pesquisas (Alves, 2008). A pesquisadora lembra também que nesses cotidianos de milhares de conversas, vamos encontrando outras narradoras, narradores, também quando se lê, quando se ouve, e, em nosso caso, quando são criados personagens conceituais das nossas histórias, ou mesmo, quando as sentimos ou as degustamos, sentindo na pele acontecimentos, por vezes, deslocados no revolver subcutâneo de cada um e de nós, no dia a dia do viver. De volta com Serpa (2018, p. 59), muitas vezes, diz ela, “uma conversa continua acontecendo dentro de cada um dos

interlocutores, horas, dias, ou mesmo anos depois, pois o tempo ao nos deslocar, nos permite, não só admirar o que não foi visto, mas ouvir o que foi dito”.

3 'PRATICANTESPENSANTES' CONTAM E ESCUTAM HISTÓRIAS

Quem não gosta de ‘contarouvir’ uma história? quem não gosta de ‘verouvirsentirpensar’ e analisar, imagens e sons? Com elas – narrativas, imagens e sons – podemos lembrar situações/acontecimentos passados, indicar processos vividos, imaginar processos que poderiam/podem acontecer nas escolas e projetar outros futuros que nelas aparecem ou não. Fazem lembrar aqueles, aquelas com que convivemos de algum modo, em algum espaço-tempo e que nos deixaram marcas. Todos nós temos um repertório de histórias sobre as escolas bem como de outros ‘espaçostempos’ educativos, um acervo maior ou menor de imagens e sons, e que a partir deles nos permite trocar ideias sempre (Alves, 2019, p. 21-22).

O *podcast* em nosso grupo de pesquisa possui a liberação da palavra, uma vez que o convidado tem a liberdade para gravar o seu ponto de vista acerca do assunto pedido em resposta a nossa pergunta orientadora. Dessa forma, consideramos o valor do uso do *podcast* a garantia da liberdade de expressão e a interatividade entre os convidados e organizadores de cada episódio. Com o *podcast*, o áudio torna-se uma alternativa ao texto e, muitas vezes, ele pode ser ouvido em lugares pouco inusitados, como dentro do transporte a caminho do trabalho, no trânsito, dirigindo, entre outras formas de ‘ouvirsentirpensar’. Um fator importante a ser considerado é que o *podcast* contribui para a formação de ‘docentesdiscentes’ de forma acessível e prática, fomentando o pensamento e a reflexão.

No movimento proposto por Alves (2008, p. 30) de “narrar a vida e literaturizar a ciência”, nas discussões acerca de artefatos culturais, as oficinas de *podcast* mergulham no imaginário dos seus praticantes. Nesse cenário, a possibilidade de proceder com as oficinas via mediação tecnológica se apresentou como alternativa e, ainda hoje, após um pouco mais de dois anos do *podcast* em vigor, nos trouxe condições de refletir os desafios enfrentados e as potencialidades produzidas coletivamente nesses cotidianos pandêmicos e pós-pandemia.

Uma dessas experiências de criação desse artefato ocorreu no evento “Redes” – XI Seminário Internacional "As Redes educativas e as tecnologias: docentes, na resistência e na criação" no ano de 2022 e conectados pela Oficina de Podcast, cujo tema foi “Docentes, na

resistência e na criação, artes de fazer”. Havia a possibilidade de criação de um bloco de narrativa em áudio, a partir da temática do Seminário em homenagem aos docentes que, cotidianamente, trazem as forças criativas para forjar currículos outros.

Nesse viés, a apresentação dos participantes da oficina se deu na tentativa de captar, sentir e experimentar os sons da casa ou do entorno do lugar de cada um deles naquele momento. Essa foi a dinâmica utilizada pelos oficinairos, uma vez que “os sons das cidades são partes das expressões culturais, simbólicas e práticas que constituem ritmos temporais, marcam ações e dinamizam a vida cotidiana” (Malanski, 2018, p. 127). Nos seus lugares de vivência, os participantes da oficina, que são discentes e docentes, pesquisadores e pesquisadoras, trocam experiências, ensinam e aprendem sobre os locais que fazem parte das suas vivências cotidianas. Assim, a cidade, que permeia a vida de todos, é “[...] forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes” (Certeau, 2014, p. 171). Com os olhos fechados, no silêncio que nos propomos fazer para ‘*ouvirsentirpensar*’, os sons que nos rodeiam nos levaram para um mundo de múltiplas sensações. Olhos fechados, mas todos os outros sentidos disponíveis. Ouvir o cachorro latindo, mas nunca ter visto o animal, ouvir um barulho de água, como se fosse chuva, mas era um bebedouro, por exemplo, foram experiências que nos estimularam a pensar que, por vezes, o que não vemos nos nossos cotidianos é como se não existisse, pois vivemos em uma sociedade que temos “a dominância da visão sobre os outros sentidos” (Thibaud, 2012, p. 5). Vans escolares e a balbúrdia das crianças na escola que existe próxima de casa foram alguns dos sons que nos fizeram rememorar os barulhos cotidianos e refrescar a memória de sons que, pelo costume da repetição diária, já não eram mais tão percebidos.

O silêncio que é rompido pelo barulho do avião que sobrevoava a casa, o ronco dos carros em circulação na avenida movimentada, a freada dos ônibus ao parar no ponto para que mais um passageiro embarque e o som profundo dos acelerados no momento da partida para seguir viagem, foram narrados por muitos dos participantes da oficina. A movimentação pelo espaço é barulhenta. A mobilidade pelo e para os lugares da cidade povoam as narrativas. O interior das residências também grita em meio ao silêncio. O vento bate e faz a janela balançar, a água que pinga, timidamente, na torneira da pia ecoa pela residência como trovões. A persiana e o vento compõem uma sinfonia que inunda a casa com o seu som. A porta batendo, a máquina de costura criando e as conversas criadas acerca das sensações ‘*sentidasouvidaspensadas*’ são

narrativas que aproximaram os participantes da oficina pelas suas vivências cotidianas, “afinal os cotidianos pulsam e oscilam as vibrações que extrapolam o instituído e abrem para os movimentos da vida” (Alves; Reis, 2019, p. 10).

Mas, não só de sons externos foram compostas as narrativas sobre as sensações que emergiram na prática da dinâmica proposta pelosicineiros. Os sons ‘ouvimosentimospensamos’ ressoavam para além dos lugares externos da casa e da vizinhança. O corpo tem seus próprios sons. A respiração ofegante, o som do ar que entra e sai pelas narinas e o pulsar do coração rompem com o silêncio. A suave sensação da vida acontecendo em cada um foi comemorada nas conversas, na criação fértil do imaginário pelas narrativas das sensações compartilhadas nas ‘conversas’. Assim, os relatos dos sons “ouvidossentidospensados” reiteram que “os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos do mundo” (Certeau, 2014, p. 188). O som da vida pulsando dentro de cada um dos participantes e nos espaços ao seu redor, nos conduz por caminhos mil nas possibilidades curriculares para além dos espaços das escolas, pois “o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele participa” (Thibaud, 2012, p. 8).

Enquanto caminhantes, durante a oficina, as conversas sobre os lugares, com suas histórias e contextos passaram a acompanhá-los pelas diversas redes educativas que os formam e de que eles formam, pois “[...] os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si” (Certeau, 2014, p. 188). Portanto, na criação do *podcast*, as narrativas dos participantes são compostas por esse movimento caminhante, uma vez que “o ato de caminhar está [...] como a enunciação está para a língua” (Certeau, 2014, p. 177), e as criações curriculares desenvolvidas a partir dos nossos cotidianos nos convidam a mergulhar em narrativas de outros lugares e se descortinam em possibilidades inventivas e imaginárias. Circunscrevendo-se ao que havia sido aventado por Alves, Ferrazo e Soares, ao sublinharem como partimos

[...] da compreensão de que, para além dos currículos oficiais, circulam nos diferentes ‘espaçotempos’ escolares inúmeros ‘conhecimentossignificações’ que são criados nas diversas redes educativas formadas pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos. Esses ‘conhecimentossignificações’ criados nos tantos ‘dentrofora’ das escolas estão presentes, desse modo, nos processos curriculares ‘praticadospensados’, ou seja, são tecidos nesses ‘espaçotempos’, impregnados que estão nos ‘praticantespensantes’ que neles circulam (Alves; Ferrazo; Soares, 2017, p. 15).

Assim, enquanto caminhante da imaginação, ao produzir sentidos e significados atravessados pelos imaginários propostos por essas narrativas na criação do *podcast*, os participantes da oficina foram convidados a gravar um áudio refletindo acerca da pergunta/desafio: o que você tem criado para resistir até aqui? Quais as suas artes de fazer?

Os áudios dos participantes foram enviados aos oficinairos por meio de um grupo criado em um aplicativo de mensagem. As conversas trocadas no desenvolvimento da oficina reverberaram em áudios com narrativas diversas sobre as maneiras de resistir. Poesia, afetos e incentivos permearam os dizeres de resistência. Resistir ao desgoverno, ao negacionismo, ao desmonte dos serviços públicos com luta, força, carinho, esperança e amor, como explicitado nas transcrições feitas de algumas dessas narrativas:

- A minha forma de resistir a tudo que tem nos acontecidos de negativo, de barbárie na educação pública nesse país é a minha atuação no chão da escola com as nossas crianças da educação infantil de forma que elas possam ‘verouvirsentiragir’ de forma melhor, que seus direitos sejam cada vez mais garantidos e assegurados nos espaços públicos sejam eles fora ou dentro das escolas” (Acervo de áudio, informação verbal).
- Como professora, há quase vinte e cinco anos, resistir é uma palavra de ordem. A resistência é uma constante na jornada dos professores da área da educação. A pandemia nos trouxe momentos ainda mais críticos, descortinou muitas verdades, nos jogou na cara muitas mazelas. A desigualdade social ficou ainda mais latente. Então, resistir ainda mais, foi necessário. Ainda mais necessário... (Acervo de áudio, informação verbal).
- Educar é uma âncora, uma barba, uma bola de sabão, são cabelos, é cabimento, educar é o caralho. É clandestino, são dados, dedos, escracho, espelho, etcetera, firula, futebol de várzea, é grão de areia. Educar é [...] uma zona. E como esse último termo, a significação de uma palavra reside em seus usos, que são múltiplos heterogêneos e em constante modificação. Sem que aja em regra um denominador comum. Um conceito suscetível de significar o que é educar” (Acervo de áudio, informação verbal, criada a partir do sumário do livro ABeCedário de criação filosófica de Ingrid Muller Xavier e Walter Kohan).
- Eu não dominava as tecnologias educativas e da noite para o dia fui obrigada a compreendê-las e a transpor a arte de educar através de uma tela. Foi uma superação que me fez repensar toda a minha prática de anos como educadora (Acervo de áudio, informação verbal).
- Aprender a me expor em redes foi um grande desafio. No início, levava horas para me arrumar e "estar bem" no vídeo. O mesmo acontecia com o preparo das aulas: como elas ficariam gravadas, seriam assistidas por muitos, pensava e repensava o que iria dizer e como iria explicar o conteúdo de cada aula. Gravava e apagava até encontrar o melhor resultado (Acervo de áudio, informação verbal).

- E o que eu tenho feito para resistir? Essa pergunta é interessante sobre vários aspectos, porque a pandemia criou e nos impôs uma nova forma de lidar com o mundo e com nós mesmos. E tudo isso acabou sendo exposto de uma forma repentina (Acervo de áudio, informação verbal).
- Lá simplesmente aconteceu e nós tínhamos que nos adaptar a ela e tentar sobreviver a ela. Infelizmente durante todo esse processo, perdi alguns alunos e algumas pessoas próximas (Acervo de áudio, informação verbal).
- Uma das estratégias de sobreviver, se eu conseguir manter contato mesmo que virtual com outros amigos, outras pessoas do grupo, seria juntos nos apoiarmos em especial no que diz respeito a essas políticas de assassinato e abandono que foram empregadas pelo governo atual. Essa política de não favorecer ações que inibam o desenvolvimento da pandemia (Acervo de áudio, informação verbal).
- Sobrevivi com o auxílio dos amigos, da Literatura, da Letra, estudando e aprendendo. Sempre que podia, ia para um local mais isolado. Tive a oportunidade de algumas vezes ir para Minas Gerais para tentar me isolar e ao mesmo tempo ter um espaço aberto para poder respirar. A volta tem sido complicada, até porque eu trabalho em unidade particular e muitas vezes é imposto não necessariamente favorecer o aluno e sim a questão financeira, ligada a rentabilidade da instituição. Dessa forma, uma educação que poderia ser viável no momento da pandemia, acaba sendo mais uma forma de maximizar o lucro, sem favorecer as leis da solidariedade (Acervo de áudio, informação verbal).
- Diante da pandemia de Covid-19 foi necessário que nós docentes criássemos práticas pedagógicas por meio do uso de experimentos tecnológicos (Acervo de áudio, informação verbal).
- No nosso caso em relação ao ensino e pesquisa, extensão, estamos pensando em um processo de praticar potencial pedagógico, político, estético e metodológico (Acervo de áudio, informação verbal).
- Para resistir até aqui tem que criar momentos de saúde, de lazer, leitura, escrita e descanso (Acervo de áudio, informação verbal).
- Educar é despertar e cultivar o que há de melhor em nós mesmos, enquanto orientamos, cuidamos e caminhamos com outros em busca da alegria e de aprender sempre (Acervo de áudio, informação verbal).
- A situação é para resistir, insistir, contemplar e se rebelar aprendendo a entender que a luta é árdua e tem valor (Acervo de áudio, informação verbal).
- Educar é poder proporcionar diálogos e pontes. É um encontro compulsivo, educar é sentir e ressentir (Acervo de áudio, informação verbal).
- No princípio de tudo confesso que entrei em desespero, pois não sabia por onde começar. Aos poucos fui dominando essa nova forma de 'aprenderensinar' e o resultado me surpreendia a cada encontro. Amei tanto trabalhar dessa forma que resolvi fazer uma pós-graduação em tecnologias educacionais (Acervo de áudio, informação verbal).
- É isso, espero podermos superar toda essa pandemia e reconstruir novos possíveis (Acervo de áudio, informação verbal).
- E educar é abrir possibilidades, é desconstruir verdades, indicar caminhos (Acervo de áudio, informação verbal).

Dentro desse contexto e pensando no âmbito da criação do *podcast*, as pesquisas nos/dos/com os cotidianos nos convidam a pensar sobre a pluralidade de possibilidades na produção do conhecimento ‘*dentrofora*’ das redes educativas que formamos e nos formam, pois são “*espaçostempos*’ de saber e criação, permeado de prazeres, inteligências, imaginações, solidariedades, pertencas, comportamento grande diversidade e complexidade de modos de sentir, fazer e pensar” (Alves, 2008 p. 18). E, no processo de criação deste artefato cultural, o processo de ‘*aprendizagemensino*’ se dá também por meio da significação das vivências e do reconhecimento do seu próprio espaço, a implementação de diversas ‘*práctateorias*’ a partir das vivências no seu lugar, pois o “caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (Certeau, 2014, p. 178), possibilitando criações curriculares desenvolvidas a partir dos nossos cotidianos.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Falar e escrever sobre nossas experiências, produzidas nas conversas, analisando as dobras do pensamento no diálogo com nossos personagens conceituais, nos diz:

[...] que as conversas quando, de fato acontecem, teriam essa potência de colocar sob suspeita nossos clichês-opiniões-verdades, empurrando-nos para os limites de nossas crenças-valores, ao nos forçar a pensar com outras referências os acontecimentos vividos nos cotidianos de nossas vidas (Alves; Ferraço, 2018, p. 58).

Ao conversarmos sobre as ideias dos interlocutores que trazemos para nossas conversas, essas nos levam às multiplicidades, ao acontecimento, ao presente, fato que nos ajuda a pensar diferente, para ir além do já sabido, como nos instigam Alves, Andrade e Caldas (2019). E, empaticamente, como nos lembram Alves e Ferraço (2018), inspirados por Maturana (1997), quando trazem do autor a ideia de que as conversas sempre acontecerão em meio às divagações, às incursões, às perambulações, aos giros, às saídas, às caminhadas, aos deslocamentos, às digressões, às viagens, aos passeios, aos envolvimento, aos encontros, intencionais ou não, demandando de nós uma relação de alteridade, uma atitude de empatia, e não de submissão ou de opressão em relação ao outro.

Eles chamam a atenção para o fato de que as conversas tecidas a partir de relações de afetos-amizades potencializam encontros. Para Alves e Ferraço (2018, p. 62-63),

vamos nos dar conta de que, quando nos envolvemos em conversas tecidas por relações de afetos-amizades, quando nos predispomos a entrar em uma rede de conversações em nossas pesquisas, buscando potencializar encontros com os praticantes dos cotidianos das escolas, nunca saberemos aonde as conversas poderão nos levar e, para nós, aí reside o mistério e a magia das práticas da conversa: nos deixar levar pelas redes e pelas diferenças que atestam a permanente novidade da vida.

Desse modo, mergulhar nas tantas e tão potentes histórias dos cotidianos exige, sobretudo, disponibilidade para incorporar as múltiplas e complexas lógicas dos *'praticantespensantes'* das sempre surpreendentes redes educativas nas quais as contadoras das escolas estão enredadas. Assim, como nos conta Alves (2019, p. 134), que o primeiro passo para *'aprenderensinar'* é perceber que “docentes e discentes são contadores de histórias sobre os processos que se dão nos tantos *'dentrofora'* da escola”.

Todavia, nessas histórias, o que menos conta é se elas são verdadeiras. Nos cotidianos, nossa preocupação é com os praticantes. Assim, importa mais aquilo que é contado, tanto para quem as conta, quanto para quem as escuta. “Essas histórias sobre escolas e seus processos curriculares, didáticos e pedagógicos, existem na vida de cada um que frequentou a escola e mesmo daqueles que não puderam frequentar” (Alves, 2019, p. 134).

A autoria, como dizemos, é sempre coletiva, mas o que narramos tem sempre algo de nós, uma vez que quem narra, diz também quem é. Ou, na compreensão da pesquisadora da expressão vocal, Adriana Cavarero (2011, p. 47), “a voz, sempre encarnada, nas vozes plurais, coloca sempre em primeiro plano *quem* o diz. Por ser (a vocalização) fiel testemunha da unicidade de quem a emite radicada numa garganta de carne”. Vale lembrar que a oralidade, no contexto, passa da vocalização à palavra, e, esta, na cultura letrada, é mediada pela escrita.

Kretli e Delboni (2017), como Alves (2019), também nos apresentam que o “uso” (Certeau, 2014) de artefatos culturais são processos de invenção que envolvem *podcasts*, cinema, literatura, textos, processos de criação nos quais *'doscentesdiscentes'* reinventam as suas *'prácticasteoriaspráticas'*, os seus *'saberesfazeres'*. Elas apontam a necessidade de pensarmos outros possíveis nas práticas e pesquisas e ressaltam a importância das afecções e dos afetos nas redes educativas, percebendo que

É no encontro que um corpo se define, aumentando a potência da ação, multiplicando os afetos e afecções. As afecções são os estados dos corpos provenientes da ação de outros corpos sobre eles. Já os afetos são variações contínuas desses estados, ou seja, os afetos podem provocar aumento ou redução da potência de ser e de agir (Kretli, Delboni, 2017, p. 61).

Nossas histórias são comunicadas em blocos de sensibilidades, visto que o dizer "encontra correspondência com o fato humano da sensibilidade: experiência emblemática na qual a matéria é o lugar mesmo do para-o-outro". Cavarero (2011) explica que o dizer é indiferente ao dito, na relação da fala e do respectivo sistema de significação, porque a "relacionalidade do dizer, na proximidade de bocas e ouvidos, é um pré-requisito necessário à comunicação do dito" (p. 211). O fato de dizer é uma doação, visto que "o comunicar-se um ao outro, prescinde de qualquer conteúdo. O fato humano é autossignificação precisamente na medida em que consiste em um comunicar-se que precede e excede o sistema" (Cavarero, 2011, p. 47).

Por essa razão, a conversa para nós cotidianistas é tão importante. É na conversa que essas doações se dão. As narrativas nascidas desses dizeres uns aos outros, de fabricarem-se intercessores uns dos outros, autossignificando-se uns aos outros, apresentam-se em nossos *podcasts*, ampliando a criação coletiva de '*conhecimentossignificações*' e currículos.

REFERÊNCIAS

- Alves, Nilda. Decifrando o Pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Alves, Nilda; Oliveira, Inês Barbosa de (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 10-32.
- Alves, Nilda. **Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas**. Memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.
- Alves, Nilda. **Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente**: o caso do cinema, suas imagens e sons. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2017. 2012. p. 12-13. (Projeto de Pesquisa).
- Alves, Nilda. **Trajetórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro. DP&A, 1998.
- Alves, Nilda; Ferraço, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos - a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael; Sanchez, Carmem (orgs.). **Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?** Curitiba: CRV, 2018. p. 55-63.

Alves, Nilda; Reis, Leonardo Rangel. Currículos e imagens e sons e cheiros e movimentos. **Revista Periferia**, v. 11, n. 4, p. 9-17, set./dez. 2019.

Alves, Nilda; Andrade, Nívea; Caldas, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In*: Oliveira, Inês Barbosa de; Sussukind, Maria Luiza; Peixoto, Leonardo (orgs.). **Estudos do Cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

Cavareiro, Adriana. **Vozes Plurais**. Filosofia da expressão vocal. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Certeau, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

Certeau, Michel de; Giard, Luce; Mayol, Pierre. **A invenção do cotidiano**. 2. Morar, cozinhar. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 336-338.

COTIDIANOS E CURRÍCULOS: Sons 3. Entrevistada Marta Catunda. Entrevistadora: Fernanda Cavalcanti de Mello. *COTIDIANOS E CURRÍCULOS*. Série Sons-3. Entrevista à Marta Catunda por Fernanda C. Mello. Rio de Janeiro. Laboratório de Imagem e Som. UERJ. FFP/PROPED. 25 de agosto de 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/06d57HmmsOULpGP2DQWJ2q?si=9253bf25cac647a3>
Acesso em: 01 out. 2022.

Deleuze, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 2010.

Deleuze, Gilles. O ato de criação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais!

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992.

Gonçalves, Rafael M.; Rodrigues, Allan; Garcia, Alexandra. A conversa como princípio metodológico para pensar a pesquisa e a formação docente. *In*: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de; Sampaio, Carmen S. (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 119-142.

Janet, Pierre. **L'évolution psychologique de la personnalité**. Paris: A. Chahine, 1928.

Kohan, Walter Omar; Xavier, Ingrid Müller (orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Lemos, André; Lévy, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

Malanski, Lawrence Mayer. Os sons do cotidiano: interpretação geográfica das sonoridades do Calçadão de Londrina, Paraná. **Geograficidade**, Primavera, v. 8, Número Especial, 2018.

Maturana, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

Morin, Edgard. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

Nolasco, Leonardo Silva. **Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos**. Salvador: Devires, 2019.

Podcast do Marketing Digital: teorias sobre lucratividade. Entrevistada: Bianca Gomes. Entrevistadora: Isabella Herculano. Rio de Janeiro: Agência MKT, 01 dez. 2021. **Podcast**. Disponível em: www.podcastmkt/teoriasobre lucratividade.com.br. Acesso em: 04 dez. 2021.

Serpa, Andrea. Conversas - possibilidades de pesquisa com o cotidiano. *In*: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael; Sanchez, Carmem (orgs.). **Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?** Curitiba: CRV, 2018.

Silva, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. As imagens-tempo como dispositivo para fazer a língua gaguejar na produção *currículo escola*. *In*: Janete Magalhães Carvalho (org.). **Cinema e Formação de Professores e Currículos e ...** Curitiba: CRV, 2017.

Skliar, Carlos. Elogio à conversa. *In*: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael; Sanchez, Carmem (orgs.). **Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?** Curitiba: CRV, 2018.

Thibaud, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. **Cadernos PROARQ – Revista de Arquitetura e Urbanismo do PROARQ**, n. 18, p. p. 02-18, 2012. Disponível em: https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf Acesso em: 14 set. 2022.

NOTAS:

¹ Utilizamos a escrita de palavras unidas em itálico e entre aspas simples porque consideramos que as dicotomias limitam o desenvolvimento da sua corrente de pesquisa. Por vezes, algumas palavras aparecem invertidas em relação ao modo como são ditas para mostrar a multiplicidade dos cotidianos com os quais vivemos, nos formamos e pesquisamos.

² Oliveira (2012), sendo coerente com o que aprendemos com Certeau de que os seres humanos nos cotidianos são ‘praticantes’ e que criam conhecimentos, nesses ‘*espaçostempos*’, permanentemente, nos mostra que podemos chamá-los de ‘*praticantespensantes*’.

Recebido em: 18/10/2022

Aprovado em: 14/03/2023

Publicado em: 28/03/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.